UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
BACHARELADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

MARIA RAIANE SILVA DE MENDONÇA

MANDRÁGORA, DA REPULSÃO À CURA:

reimersão aos estudos de gênero e religião

João Pessoa
2023

MARIA RAIANE SILVA DE MENDONÇA

MANDRÁGORA, DA REPULSÃO À CURA:

reimersão aos estudos de gênero e religião

Trabalho de conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de bacharel em Ciências das Religiões, sob orientação da professora Dra. Fernanda Lemos.

João Pessoa

2023

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M539m Mendonça, Maria Raiane Silva de.
Mandrágora, da repulsão à cura: reimersão aos estudos de gênero e religião / Maria Raiane Silva de Mendonça. - João Pessoa, 2023.
28f. : il.

Orientação: Fernanda Lemos.
Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Gênero. 2. Religião. 3. Revista Mandrágora. I. Lemos, Fernanda. II. Título.

UFPB/CE CDU 378:2(043.2)

Elaborado por JANETE SILVA DUARTE - CRB-15/104

MARIA RAIANE SILVA DE MENDONÇA

MANDRÁGORA, DA REPULSÃO À CURA:
reimersão aos estudos de gênero e religião

Trabalho de conclusão de curso submetido á banca examinadora designada pelo curso de Graduação em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Ciências das Religiões.

Banca Examinadora:

Assinatura

Profª Dra. Fernanda Lemos

Assinatura

Dra. Márcia Maria Enéas Costa

Assinatura

Profª Dra. Maria Lúcia Abaurre Gnerre

Defendida em: 09 de novembro de 2023.

Nota: 10,00

João Pessoa

2023

Mendonça, Maria Raiane Silva de**. Mandrágora, da repulsa á cura:** reimersão aos estudos de gênero e religião. 2023. Trabalho de conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

RESUMO

A presente pesquisa, de cunho qualitativo e descritivo, versa imergir nos estudos de gênero e religião, bem como sua contribuição para a área de estudos das Ciências das Religiões. Enquanto objetivo geral pretende-se analisar as discussões sobre o gênero e religião na produção científica do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/Netmal. No tocante aos objetivos específicos, busca-se: suscitar um levantamento temático das produções científica publicado na Revista Mandrágora; Analisar pesquisas de Gênero e Religião no Grupo de Pesquisa Mandrágora, tendo o recorte sua construção e na entrevista de Sandra Duarte de Souza; Compreender a fundação e o desenvolvimento da Revista Mandrágora a partir do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/Netmal. Chegamos, portanto, à conclusão de que os estudos de gênero e religião, mesmo em um cenário machista e confessional vêm contribuindo significativamente para a área de estudos de Ciências das Religiões, seja no seu caráter político de ampliar espaços que outrora eram dominados pelos homens e percebemos a ocupação destas mulheres nesses espaços, além, de epistemologicamente desenterrando histórias e registros das mulheres nas religiões.

Palavras-chave: Gênero. Religião. Revista Mandrágora.

ABSTRACT

This research, of a qualitative and descriptive nature, aims to immerse itself in studies of gender and religion, as well as its contribution to the area of study of the Sciences of Religions. As a general objective, we intend to analyze discussions about gender and religion in the scientific production of the Mandrágora/Netmal Gender and Religion Study Group. Regarding specific objectives, the aim is to: create a thematic survey of scientific productions published in Revista Mandrágora; Analyze research on Gender and Religion in the Mandrágora Research Group, taking into account its construction and the interview with Sandra Duarte de Souza; Understand the foundation and development of Revista Mandrágora from the Mandrágora/Netmal Gender and Religion Study Group. We therefore come to the conclusion that gender and religion studies, even in a sexist and confessional scenario, bring significant contributions to the area of studies of Religious Sciences, whether in their political character of expanding spaces that were otherwise dominated by men and We noticed the occupation of these women in these spaces, in addition to epistemologically unearthing histories and records of women in religions.

Keywords: Gender. Religion. Mandragora Magazin

SUMÁRIO:

1. Introdução.....7
2. Uma breve História da Revista Mandrágora.....8
3. Estudo de gênero: das ciências sociais até ciências das religiões.....15
4. A mulher é loba, triste e louca da própria mulher: a periódica mandrágora sendo porta voz do silenciamento das mulheres..... 20
5. Considerações finais.....29
6. Referência.....30

1 INTRODUÇÃO

Quando refletimos acerca dos estudos de gênero e religião? Deparamo-nos com um cenário de muitos estigmas e tabus. Se por um lado, avança ás pesquisas e os debates acerta de gênero e sexualidade, também podemos observar a resistência e/ou alienação pelo outro lado. Já outras, conseguem ter uma noção da importância de discutir e de defender essa pauta é importante não somente para compreender a mulher e o homem de si para si como também os rebatimentos das desigualdades de gênero expressão na sociedade.

Para Saffioti (2015) a categoria gênero não se resume apenas a uma categoria analítica, mas também a uma categoria histórica, pois a primeira diz respeito a uma categoria que demanda tempo de labor intelectual ao pesquisador, enquanto na segunda o gênero é compreendido enquanto uma categoria que atravessa múltiplas determinações, como: aparelho semiótico, enquanto símbolos culturais com muitas representações, carregados de conceitos normativos como grade de interesse de interpretação de significados, de organizações e de instituições sociais, com identidade subjetiva.

Sobre isso, Butler (2019), analisa a obra *Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, principalmente sua afirmação acerca das mulheres: “não se nasce mulher: torna-se mulher”, que diz respeito à categoria “gênero”, sendo apreendida enquanto construção, existindo um determinante ou uma apropriação desse gênero, que pode também assumir outro gênero. Assim, compreendemos que a construção de gênero por Beauvoir diz que alguém se torna uma mulher dentro de uma compulsão cultural de fazê-lo, mas essa compulsão não vem do sexo, pois não existe uma explicação o que garanta que este sujeito irá se tornar mulher, que seja fêmea, pois ela afirma que “o corpo é uma situação”, sendo assim, não existe corpo que não tenha sido interpretado culturalmente e não teria como qualificar enquanto uma narrativa pré-discursiva. Essa controvérsia foi cunhada entre a polaridade filosófica convencional do livre-arbítrio e o determinismo, que gera a limitação e/ou a restrição linguística de tal categoria, em que o corpo surge passivo a significados culturais e/ou enquanto instrumento no qual uma vontade se apropria e/ou interpreta e determina significado cultural para este.

Segundo Saffioti (2015), o pesquisador está para verificar os anseios da população brasileira e, por isso, as temáticas recorrentes são o desemprego e a violência. Com essa finalidade, objetivamos compreender o cenário de avanços e de retrocessos da pesquisa de gênero, com enfoque acerca da religião, com a perspectiva de fomentar futuras pesquisas sobre a temática.

Esta investigação será de natureza descritiva. Segundo Prodanov (2015), neste momento o pesquisador irá registrar e descrever os fatos, sem sua interferência. Em relação aos instrumentos da investigação, serão bibliográficos. Conforme Prodanov (2015) é um de muitos instrumentos utilizados pelo pesquisador, que busca elaborar a partir do que já foi publicado sejam eles: de livros, revistas, publicações em periódico (nosso caso), dentre outros, e é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando, assim, possíveis incoerências e/ou contradições nas obras que serão apresentadas.

O objetivo geral desta pesquisa pretende analisar as discussões sobre o gênero e a religião na produção científica do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/Netmal. No tocante aos objetivos específicos, buscou-se: suscitar um levantamento temático das produções científica publicado na Revista Mandrágora, entre os anos 1981-2022; Analisar pesquisas de Gênero e Religião no Grupo de Pesquisa Mandrágora, tendo o recorte sua construção e na entrevista de Sandra Duarte de Souza; Descrever a fundação e o desenvolvimento da Revista Mandrágora a partir do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/Netmal.

2 UMA BREVE HISTÓRIA DA REVISTA MANDRÁGORA

Antes de adentrarmos nos fatos históricos da revista Mandrágora/Netmal, em um primeiro momento, faremos uma breve explanação do significado do nome Mandrágora, analisando possíveis relações com a planta e sua simbologia com os objetivos da revista; num segundo momento, faremos um breve trajeto do estudo das categorias gênero e de religião no Brasil, para finalmente nos debruçarmos sobre a história da revista Mandrágora/Netmal.

Mas o que significa Mandrágora? Existe relação com o enfoque discutido pela Revista Mandrágora/Netmal? Essas perguntas serão respondidas em seguida. Etimologicamente, Mandrágora desdobra-se em duas línguas, do grego, *Mandrágoras*, e do latim, *mandragŏra*, respectivamente têm uma designação comum que significa uma planta, da família das Solanáceas[1], que é venenosa pelos alcalóides[2] e que estão inclusas espécies

[1] Segundo Oliveira; França; Cavalcante; Lima (2020), a característica geral das plantas de solanáceas que são ervas anuais, bianuais ou perenes, encontram-se nos arbustos das árvores de pequeno porte, as folhas são isentas de espículas e com margem inteira. Comumente não possuem inflorescência, sendo constituídas por uma única flor.

[2] Segundo a Revista, *Temas de Saúde, Farmácia e Sociedade*, fomentada pela Universidade de Coimbra, no ano de 2015. No capítulo intitulado os Alcalóides - Relevância na Farmácia e na Medicina, há definição de alcalóides enquanto um grupo de compostos naturais que normalmente apresentam uma estrutura complexa. São constituídos por carbono, hidrogênio e azoto, que, em grande parte dos casos, formam um anel

tradicionais e muito utilizadas em rituais de magia, pois o formato de suas raízes supostamente é reminiscente da figura humana. Enquanto na óptica botânica, as *Mandrágoras Oficcinarum* são plantas herbáceas originárias de terras Mediterrâneas, têm por características serem: tóxicas, de raízes tuberosas e ramificadas, contendo folhas grandes e rugosas de formato ovalado, de flores campanuladas de cores amarelas ou púrpuras e frutos bacáceos arredondados.

Para Samorini *apud* Sterza (2019), no Egito, dentro do contexto Dinástico, tanto a Mandrágora quanto a Flor de Lírio de água Azul tinham tamanha relevância no aspecto religioso e na mitologia, cuja Mandrágora era considerada um símbolo de sensualidade e de fertilidade. Eles os (egípcios) deduziram que um dos motivos que as levavam a tal fama, encontrava-se em suas propriedades psicoativas, afrodisíacas e fecundantes. Encontraram registros iconográficos estampados nas tumbas dos faraós que redirecionaram o significado de Mandrágora enquanto instrumento dos eróticos e sexuais muito atrelados a um ritual de passagem que descreve uma associação estreita entre a morte e a fertilidade.

Após as reflexões de Stenza (2019), deduzimos que os indícios encontrados nas tumbas dos antigos egípcios revela-nos que a Mandrágora é uma planta que em tempos remotos representava algo com poderes especiais, prova cabal disso são registros encontrados nas antigas escrituras sagradas semíticas.

> Podemos interpretar no trecho exposto anteriormente que a Mandrágora é possuidora de algumas características "mágicas", pois na cultura popular naquele momento eles acreditavam que ela possuía propriedades afrodisíacas e que garantiria a fertilidade. Percebemos também, a disputa amorosa entre Raquel e Lia por Jacó (em períodos distintos elas foram casadas com Jacó) (citação direta Sterza, 2019, p.37).

Raquel, que por ter idade avançada não poderia dar filhos para Jacó e desejava as mandrágoras para conseguir a fertilidade, pediu-as à Lia. No entanto, Lia aceitou na condição de dormir com Jacó naquela noite. (paráfrase Sterza, 2019).

Após algumas situações existentes da Mandrágora em passagens bíblicas, nos deparamos eu seu nome é mencionado no Antigo, em especial no Cântico dos Cânticos, iremos apresentar no quarto poema:

> Eu sou do meu amado, seu desejo o traz a mim. Vem, meu amado, vamos ao campo, pernoitamos sob os cedros; madrugamos pelas vinhas, vejamos se as vinhas florescem, se os botões estão se abrindo, se as romãzeiras vão florindo: lá te darei meu amor…As mandrágoras exalam seu perfume, à nossa porta há de todos os frutos: frutos novos, frutos secos, que eu tinha guardado, meu amado, para ti (BÍBLIA DE JERUSALÉM).

---

heterocíclico, sendo a maioria deles oxigenados. Cuja sua estrutura biogenética é composta de aminoácidos, havendo casos de alcalóides que derivam de terpenos e de esteróides.

Ao analisarmos esses trechos, percebemos a presença da mandrágora, que nesse contexto é vista com virtudes afrodisíacas e está diretamente relacionada ao amor e à fertilidade. Neste poema, aparece uma imagem explícita de um homem e de uma mulher em uma atmosfera idílica, em que a mulher oferece seu amor ao companheiro, no meio das mandrágoras. A partir desse trecho, não podemos afirmar que ambos estavam utilizando dos benefícios da planta exalam, mas podemos referir que o amor no sentido erótico e sexual é bastante evidenciado (Sterza, 2019, p. 37-38).

Pudemos notar como a presença da mandrágora é expressiva nos textos do Antigo Egito e do Antigo Testamento. Observamos nos trechos o quanto a planta se apresenta nas culturas egípcias e semíticas, como provavelmente iremos encontrar registros em outras culturas do Oriente Médio e do Mediterrâneo em seus respectivos contextos históricos. A partir desse apanhado inicial, observamos que a mandrágora era vista como algo positivo que detinha o poder de ajudar as pessoas em diferentes circunstâncias. Esta planta esta associada ao feminino, ao amor, ao erótico e à fertilidade, provavelmente devido à virtude afrodisíaca da planta. (Sterza, 2019, p. 38)

Nesse momento iremos adentrar e nos deleitar em trechos que nos apresentam a mandrágora no Medievo. A partir do Medievo que a mandrágora recebe uma forte conotação imagética coletiva, graças ao antropomorfismo da sua raiz, onde fez com que sua fama crescesse bastante durante a Idade Média.

Imagem 1 – Mandrágora

Fonte: Google Imagens (2023).

A raiz da Mandrágora pode ter uma forma parecida como de um pequeno boneco sem cabeça. Ao assemelhar ao homem, vem despertando desde a Antiguidade algumas fantasias, crenças e superstições, mas à primeira vista despertou que a mesma pudesse ter uma espécie de vida humana. Foi partindo desse princípio que alimentou a crença nas

pessoas de ilusões de esperança ao possuírem este pequeno oráculo que foi capaz de trazer prosperidade para quem a detinha (Sterza, 2019, p.38).

Em virtude das características antropomórficas de suas raízes e das suas reações psicóticas, a mandrágora foi usada durante o período do Medievo para realização de magias e recebeu por conta desta prática adjetivos referente à planta maligna e perigosa. As mandrágoras, não eram de fácil acesso, por conta disso foi considerado um tesouro, pela dificuldade de possuí-la e de conquistá-la também, pois para recolhê-la precisava de rituais complexos. Por essas questões, a mandrágora inspirou várias lendas, em uma delas explica, por exemplo, qual era o método adequado para colhê-la sem correr algum risco. A lenda em questão, conta-nos que, se por acaso a mandrágora fosse retirada de forma violenta da terra, sua raiz emitiria sons muito agudos e perturbadores, capazes de matar uma pessoa. Por essa questão, existia um processo complexo de ritualístico para erradicá-la em segurança. O ritual consistia em amarrar um cachorro com uma corda à planta e em seguida fazê-lo correr, dessa forma, puxava a corda, errava a planta e o grito da mesma mataria o cachorro. Nesse momento, a pessoa teria que tampar seus ouvidos, para não ouvir o grito e assim sacrificar o cachorro e mantê-lo/a em segurança (Sterza, 2019, p.42-43).

A mandrágora além de ter como característica a raíz no formato humano era famosa também por ser uma planta do sexo, sendo conhecida pelo sexo masculino e feminino. Este tipo era muito predominante principalmente em todas as regiões do Mediterrâneo. Acerca desta afirmação aponta para a figura do médico e botânico italiano, Fiori Adriano. No livro *Flora Analítica d'Itália* ele apresenta a planta mandrágora catalogada em duas espécies: um com raiz grande, carnuda e branca, outra, com corola esverdeada que floresce na primavera, que corresponde à mandrágora "macha" para os antigos e uma com raiz menor enegrecida e coloração roxa que floresce no outono corresponde a mandrágora feminina. Ambas as espécies têm características morfológicas distintas, mas suas propriedades são idênticas.

No tocante à cosmovisão da mandrágora, existe uma mitologia bastante difundida na Idade Média que explica a origem da planta. Assim, irá descrever Campos *apud* Sterza (2019), a planta crescia embaixo de um patíbulo, então, quando um homem era sentenciado à morte por enforcamento, no momento da morte ele expelia um fluido, um esperma que, ao ter contato com a terra, dava origem a uma mandrágora. Em relação a essa mitologia, na Itália, era difundido um ditado popular: "Semear Mandrágoras" enquanto metáfora para a masturbação masculina (BORGHINI, 2000 *apud* Sterza, 2019, p. 40-41).

Em relação ao antropomorfismo e a relação com a crença da Mandrágora com a existência humana, ao analisarmos um mito sírio, do qual fica explícito ferimentos religiosos cristãos, que darão uma conotação maligna à planta na seguinte passagem:

> Quando Deus criou o mundo, reservou-se a criação dos seres viventes na terra, das águias e no céu. Mas, no seu contrato com Satanás, tinha esquecido o subsolo. O espírito do mal, com ciúmes do Criador, quis, ele mesmo, realizar homens e mulheres que vivessem debaixo da terra. O seu gênio incentivador, mas incompleto, apenas levou a moldagem informe das mandrágoras. No momento, em que as mesmas, erradicadas da terra, penetrem o reino de Deus, cessam de viver. (SAMORINI, 2016, p. 115, apud BOUQUET, 1952 – tradução do Sterza)

Essa lenda acusa a hipótese de que vários povos diferentes do passado, independentemente do contexto histórico, social, econômico, cultural e religioso tinham diversos olhares, interpretações e contradições acerca da mandrágora. Se para uns era considerado benéfico e útil, em outras era vista como maligna e demoníaca – isso justifica que concepção de algo tenha um caráter plural de acordo com o contexto histórico, social, cultural e religioso, podendo assumir respostas diferentes. (Sterza, 2019, p.42)

Nesse sentido, na Idade Média foi muito marcante a presença e a fama da mandrágora, principalmente como ingrediente nos rituais mágicos. Ela foi procurada em virtude de seus poderes protetivos, analgésicos, alucinógenos, afrodisíacos e de fertilidade. Nesse contexto, por conta de seu uso em rituais de magia, ela assume um papel de planta mágica dentro das práticas de feitiçaria e de bruxaria, sendo consequentemente banida da igreja. (Sterza, 2019, p.42)

Na Idade Média a prática da magia foi muito difundida, pois é uma herança do mundo pagão, os praticantes baseiam-se em crenças e lendas antigas para manipular ervas medicinal nos rituais mágicos ou na cura de doenças e ferimentos. Sendo assim, a única diferença entre a Antiguidade e o Medievo, estava que na primeira a arte dos magos era restrita à classe sacerdotal enquanto nas segundas várias pessoas poderiam praticar de diferentes formas a magia, podemos apontar: os monges, as parteiras, as curandeiras, os párocos e até os médicos. (Sterza, 2019, p.42-43)

Para tanto, ao observarmos as descrições da mandrágora no manuscrito de herbário, que representam a mandrágora masculina e feminina num encontro delas juntas em um texto que aponta para um uso específico da planta, a seguir:

> Se uma mulher não pudesse ter filhos, receite toda esta erva, flores, sementes, folhas, caule e raízes. Pisar tudo muito bem e quando estiver pulverizada incorporá-lo com mel como um eletuário. Faça com que a mulher use este eletruário de manhã em jejum por 40 dias e use com seu marido a seu gosto. Neste período, se Deus quiser, por sua misericórdia conceberá filhos. Porém, saiba que se a mulher, vem dada a mandrágora masculina, conceberá um filho macho, se vem dada feminina, conceberá uma fêmea. Mas, se a mulher vem dada a masculina e feminina juntas, conceberá filhos que não serão nem fêmea e nem macho, mas será homem e mulher juntos. Esta erva se gera do esperma do homem e nasce em terrenos quentes e úmidos. (PROVINCIA AUTONOMA DI TRENTO

ASSESSORATO ALLE ATTIVITÁ CULTURALI, 1982, p. 187 - tradução do Sterza)

Notamos uma receita curativa para eliminar a infertilidade de uma mulher, pode ser ajudada graças às virtudes da mandrágora, mas para que isso aconteça, é preciso o poder de Deus. Sendo assim, o dito popular: "se Deus quiser, com sua misericórdia conceberás filhos", acusa pela virtude da planta que segundo a crença popular, são submetidas a preceitos da religião oficial e aos poderes de Deus, indicando também, para a repressão religiosa daquele momento, pois se por acaso o escritor não introduzisse ou mencionasse o poder de Deus em seus escritos, provavelmente seria interpretado como um ritual maligno e pagão, o que consequentemente causaria a perseguição deste escritor, pois fugira à lei de Deus.

No segundo momento da receita, o escritor adverte pela periculosidade do manuseio incorreto da planta, alertando o leitor sobre as consequências de uma eventual mistura das duas mandrágoras, pois provocaria efeitos estranhos sobre o sexo do fruto nascituro, o qual nasceria com dois sexos juntos, deixando nas entrelinhas uma possível explicação ou procurar algo responsável pelo nascimento dos filhos, que tem dois sexos. Finalizando o texto, explicando a origem da planta, que foi gerada a partir do esperma humano, sendo mais um indício relacional entre as crenças e lendas medievais para explicarem o modo como à planta foi gerada. (STERZA, 2019, p.44)

Os manuseio da mandrágora vai além do uso em rituais de feitiçaria e de bruxaria, elas eram utilizadas também na medicina, que fazia parte dos ingredientes principais da spongia somnifera, muito ultilizada enquanto analgésico durante as cirurgias que foi descrito por Teodorico Filho de Ugone de Lucca. Tratava-se de uma esponja natural pescada nas profundezas dos mares e era exposta ao sol para secar, logo em seguida, era submersa em um recipiente com água e com diferentes vegetais, entre eles podemos apontar: a mandrágora, o meimendro, o ópio e a cicuta (Sterza, 2019, p. 49).

A esponja era fervida até o total absorvimento, em seguida, era deixada para a secagem e o armazenamento, então estava pronta para uso. Dos modos de uso, é recomendado mergulhá-la em água fervente e logo em seguida posicioná-la em cima das vias respiratórias do paciente, ao inalar a substância, anestesiava-se. (Sterza, 2019, p. 45)

Diante da breve contextualização, podemos ter uma breve noção da relação entre a planta enquanto nomenclatura para uma revista e grupo de pesquisa de tamanho calibre, como a Revista Mandrágora/Netmal. Pois supomos que o conjunto construtural imagético, social e religioso da planta é muito forte e coincidente para os estudos de gênero, sexualidade e religião, pois Mandrágora representa o erótico, o sexual, muitos buscavam pelas suas virtudes afrodisíaca e fertilizante, enquanto outros demonizam por conter dois

gametas (a masculina e feminina) que hoje compreendemos enquanto fenômeno não-binário ou interssexual, mas no contexto da antiguidade era visto enquanto hermafroditismo.

Segundo a entrevista cedida no dia 20 de maio de 2023, via plataforma *Meet*, quando questionada acerca da relação e do simbolismo da planta Mandrágora com o nome da revista, a professora Sandra Duarte afirma:

> [...] Sim, existe essa relação até por que a mandrágora é uma planta com raízes no formato meio humano, além, dessa característica a mandrágora é uma planta medicinal e essa ideia do poder curativo e a reflexão de gênero numa sociedade de dominação masculina, sociedade patriarcal foi o que fez com que pensássemos na Mandrágora como nome da revista. Pois, mandrágora, além de ter esse efeito curativo ela também tem o efeito purgante, no sentido de eliminar as toxinas da cultura patriarcal está presente em nossa sociedade. Trazer algo que remetesse a algo além da praxe da academia, e como inicialmente uma parte considerável das estudantes eram biblistas, trouxeram esse significado da mandrágora enquanto instrumento de fertilidade, de erotismo e sexualidade bojo para nomear a revista.

Compreendemos a importância e porque não dizer o caráter pioneiro da Revista Mandrágora, que inicialmente surge como um Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina, um grupo de estudo endógeno, voltado para o público acadêmico, mas com a articulação e persistência das alunas de teologia e Ciências das Religiões conseguiram expandir e abrir o debate intramuros da universidade, reforçando um dos três pilares da universidade – a.

Extensão, que são ações da universidade voltadas para a comunidade, o que possibilita o compartilhamento com o público externo de conhecimentos adquiridos e produzidos por meio da pesquisa e do ensino desenvolvidos dentro da mesma.

3 ESTUDO DE GÊNERO: DAS CIÊNCIAS SOCIAS ATÉ CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

Neste capítulo, iremos fazer uma breve contextualização acerca dos estudos de Gênero inicialmente dentro das Ciências Sociais para em seguida adentrarmos no debate dentro da área de estudos e pesquisas das Ciências das Religiões e sua importância para dar voz e vez para aquelas e aqueles que durante muito tempo foram invisibilizados.

Inicialmente, o gênero foi um conceito cunhado pela área das Ciências Sociais, que diz respeito à costrução social do sexo, significa que o sexo designa, dentro da análise sociológica, a caracterização anatomofisiológica da espécie humana, além, da atividade sexual propriamente dita. O conceito de gênero existe para distinguir a dimensão biológica da social. A lógica para a essa distinção está pautada que há macho e fêmea na espécie humana, no entendimento que a qualidade de ser homem ser mulher só existe na dimensão da cultura, ou seja, são realidades sociais, e não somente biológicas?

A antropologia, que é uma ciência que estuda diversidade cultural dentro das sociedades, é o campo que mais seguramente responde a essa questão, pois ela vem demonstrando, em relação à cultura, a dimensão biológica torna-se bastante ofuscada, na medida em que a própria condição humana da capacidade cultural como essencial para a sobrevivência desta espécie, pois está na cultura que humaniza a espécie humana, e a que faz em sentidos diferenciados. A partir da comparação entre as estruturas sociais dentro de sociedades distintas, percebe-se que homens e mulheres são contemplados e estruturados de múltiplas maneiras. Tomando como parâmetro a cultura ocidental, imaginava-se que o masculino era mais agressivo e o feminino de maior suavidade e delicadeza. De um modo geral, em nível do senso comum, imaginavam-se estes traços comportamentais eram vistos como naturais.

Segundo a antropóloga, Margareth Mead, em sua obra clássica *Sexo e Temperamento* encontraram o resultado de seus estudos sobre essa questão nos anos 30 na Nova Guiné sobre os papéis sexuais, que atualmente conhecemos por costrução social de gênero. Um estudo comparado entre três culturas, principal: Arapesh, Mundugomor e Tchambuli, que partilhavam de uma organização social similar. Assim, Mead (2003) destaca que, em duas dessas primeiras mencionadas, a cultura não estabelece padrão sentimental, o que se mostra presente de personalidade e de temperamento socialmente construído e legítimo para todos os integrantes daquela sociabilidade. Sendo assim, segundo nossos critérios de avaliação cultural, a Arapesh poderia ser classificada como sociabilidade maternal, pois valorizam a docilidade; enquanto na Mundugomor, o temperamento mais explosivo e mais agressivo era incentivado tanto para homens quanto para mulheres.

Nas palavras de Mead (2003, p. 255), “Entre os Arapesh e os Mundugomor, os homens e as mulheres possuem idealmente a mesma personalidade social, ao passo que entre os Tchambuli suas personalidades se opõem e se complementam idealmente”. Um caso analisado por Mead (1969) diz respeito a determinadas culturas podem não enfatizar a relação entre sexo e personalidade, enquanto em outros tipos de sociabilidade, o sistema simbólico em torno da diferença sexual pode eleger a afetividade enquanto um campo privilegiado de diferenciação entre os gêneros. Outra dimensão da vida social que expressa essas representações acerca do masculino e do feminino está na dimensão sexual do trabalho.

Segundo Cisne (2015), a inserção das mulheres no espaço de trabalho é submetida a um conjunto de determinações dentro da sociedade capitalista, como: o controle da força de trabalho e a subordinação do seu conteúdo aos objetivos e às necessidades das instituições empregadoras. Dentro da dimensão sexual do trabalho, existe uma dimensão em que a diferença se instala – estamos nos referindo ao trabalho reprodutivo. Sabemos que várias

linhas interpretativas explicam a apropriação da fecundidade feminina pelo sexo masculino e a origem das desigualdades entre os gêneros presentes em diversas sociedades (Bardien, 1991).

Para Saffioti (2013), dentro da tradição de submissão da mulher ao homem e as desigualdades de direitos entre os sexos não podem ser vistos isoladamente, pois a família é uma unidade econômica nas sociedades pré-capitalistas, a atividade de trabalho é também desempenhada pelas mulheres, mesmo nas camadas menos favorecidas. Embora possamos falar de independência da mulher, essa noção individualista nasce somente com o capitalismo, pois o trabalho se desenvolvia a priori em grupos familiares e, para ele, o mundo econômico não era estranho para as mulheres, pois nas sociedades pré-capitalistas a mulher encontra uma posição social a partir do matrimônio, que garante uma estabilidade ou prosperidade econômica. Enquanto as solteiras dedicavam às atividades comerciais, dada a sua incapacidade civil, onde levavam uma existência dependente de seus maridos, referentes às camadas ociosas, em que as mulheres devem obediência aos seus maridos, como uma normativa dita pela tradição. Revestida de proteção que o homem deveria oferecer às mulheres em virtude a sua fragilidade, esta obtinha ao mesmo tempo a colaboração no trabalho e um comportamento submisso que as sociabilidades de família patriarcal sempre entenderem ser o dever das mulheres se desenvolverem nessa relação com o chefe de família.

Diferentemente das sociedades primitivas e de capitalismo primitivo, a nossa também está organizada por critérios de diferenciação de gênero entre homens e mulheres. O importante em diferenças sociais muito diversificadas está na condicionalidade de outras categorias, como: de classe, de etnia, de origem regional, de religião etc. Um exemplo em que fica muito nítida a diferença experiencial social está na dimensão possível de vida para que todos nós seres produzissem, através da cultura. Segundo a socióloga francesa Anette Langevin (1986) o tempo da mulher difere do tempo do outro, pois o tempo é usado para o cuidado de terceiros do que aquele vivenciado pelo gênero masculino, portanto, o desperdício de tempo é socialmente mais aceito para as mulheres, como também quando se move na escala social, os mais desfavorecidos são submetidos a maiores perdas no seu tempo. Para ficar mais claro, em outra pesquisa realizada em dois bairros cariocas, buscaram-se mensurar o tempo gasto entre crianças dois sexos com o trabalho doméstico, observou-se que as meninas pela socialização para um determinado papel de gênero, ultilizava grande parte do seu dia com atividades necessárias para o sustento do grupo doméstico. A partir dos 05 anos de idade são responsáveis gradativamente por uma tarefa doméstica. Quando contrastado com o trabalho desenvolvido pelos meninos, observou-se que estes dispõem de muito mais tempo para brincarem. Portanto, as crianças do sexo

masculino quando desempenham alguma atividade doméstica, ficam responsáveis de alguma atividade simbolicamente marcadas como exteriores ao domínio da casa. Recorrentemente, as atividades domésticas para meninos são definidas, como: lavar o banheiro e varrer o quintal ou áreas externas da casa e jogarem o lixo para fora de casa. Observa-se que tais tarefas estão categorizadas de masculinidade, pois envolve segundo os sujeitos sociais mais peso. Não estamos nos referindo ao trabalho pesado, mas à vigência do valor a ele atribuído, estando associado a uma concepção de que trabalho de homem envolve maior força física necessária.

Onde estrutura-se desta maneira uma dinâmica entre as relações sociais de gênero dentro da família que constitui uma concepção diferenciada de tempo e da experiência entre as crianças. Os meninos, em detrimento das meninas, gozam dos primeiros anos de vida de uma relativa liberdade, vêm de uma construção social de masculinidade legítima dentro dos grupos sociais, enquanto as meninas, em via de regra, são objeto de restrições referentes aos locais que podem frequentar ao mesmo tempo em que podem passar na rua. Portanto, o tempo jamais deve ser considerado neutro, dentro da infância, em que a experiência parte de indicadores sociais, que formaram a trajetória de vida dos sujeitos envolvidos.

Duas sociólogas inglesas, Caroline Moser e Caren Levi (1988) apresentam uma perspectiva dentro dos indicadores e dos instrumentos de políticas públicas, que é o conceito de perspectiva de gênero. Elas identificam duas dimensões na vida das mulheres: o papel reprodutivo e o produtivo – neste plano, está implícita a concepção de trabalho remunerado. Os conceitos cunhados pelas autoras são: a necessidade prática de gênero e a necessidade estratégica de gênero. O primeiro diz respeito a funções de atribuições de papéis destinados a uma lógica social às mulheres, recaindo uma responsabilidade, a exemplo no contexto dos movimentos sociais urbanos de luto por melhorias nas condições de vida, em que as mulheres se envolvem na administração comunitária, sobretudo, na melhoria do cuidado com as crianças. A formulação de políticas públicas estaria voltada para as especificidades da vida feminina e até certo modo na melhoria da qualidade de vida destas mulheres, bem como outros sujeitos sociais envolvidos sob seus cuidados, mas essas políticas não reverteram a distribuição assimétrica de papéis entre homens e mulheres, para que isso ocorra teria que levar em consideração as necessidades estratégicas de gênero, pois estas são políticas públicas voltadas para alterar a divisão sexual do trabalho, redefinido o papel das mulheres na sociedade.

Dentro das Ciências das Religiões, assim como ocorreu e ocorre nas Ciências Sociais, a contribuição expressiva de pesquisas que tenham como escopo o gênero, sucedeu-se de forma tímida e com maior contribuição do público masculino, o que de algum modo faz sentido, pois esse espaço de estudo e de pesquisa historicamente foi ocupado por

homens, o que permite a seguinte indagação: O que despertou nos homens a vontade de estudar sobre as mulheres e sobre as desigualdades de gênero? Será que é mais um mecanismo de opressão e de legitimação dos espaços de poder?

Segundo Calou (2015) os estudos de gênero e religião ocorreram de forma expressiva dentro das Ciências Sociais e, sobretudo nas pesquisas antropológicas e sociológicas, até por se debruçarem em refletir acerca da religião em sociedade, ciente de que ambas correntes compreendem o fenômeno religioso ao seu modo, mas engessados pelos pressupostos positivistas que prezam pela neutralidade do/da pesquisadora/a. Sobretudo, nos anos 60, outra corrente política e também de pesquisa surge dentro dos muros acadêmicos – o pensamento feminista, que se distancia o cartesianismo e traz um caráter social e reivindicatório dentro da academia. Nessa corrente, esse interesse político é uma base consistente em nível do discurso para quebrar esses paradigmas positivistas.

Por essa ótica, é impossível e inconcebível compreender gênero descolado de outras determinações, como por exemplo: classe, étnico racial, religiosa, etc. Para Calou *apud* Rosado Nunes (2015) , quando as feministas percebem essas contradições dentro da academia, acabam questionando, sobretudo, o caráter de ciência livre de valores. Elas acabam se tornado grandes críticas da sociologia das religiões, enxergam em seus aportes teóricos a reprodução das desigualdades sociais de gênero, sob duas esferas: o campo científico e o discurso religioso.

Que os estudos de gênero encontram-se mais expressivamente na antropologia, ao levarmos em consideração às primeiras análises de gênero surgem em bases estruturalismo, sobretudo, nas duas obras da antropóloga Margareth Mead descrita no início deste capítulo. Mesmo assim, percebe-se que as categorias gênero e religião encontram-se secundárias, observa-se que estão presentes em análises mitológicas indígenas temáticas de interesse naquele momento, que demonstra uma reflexão acerca dos costumes das comunidades estudadas, trazendo uma breve menção do modo de vida das mulheres naquele tipo de cultura.

Fica nítido que os estudos acerca das categorias gênero e religião dentro das Ciências das Religiões ocorrem dentro da Teologia, ou melhor, em estudos das teólogas feministas dos séculos XX e XXI, sendo elas responsáveis pelo primeiro impulso no tocante ao cruzamento das respectivas temáticas. Em especial, nos anos 60, com a segunda onda do movimento feminista, em que nasce essa concepção teológicas construídas e desenvolvidas por mulheres, que estão sendo influenciadas pelos estudos feministas e através dessas análises e métodos acabam criticando e denunciando as desigualdades de gênero entre homens e mulheres, que corroborou por grandes revoluções dentro e fora da academia,

reivindicando os espaços e legitimidade das mulheres dentro e fora dos muros acadêmicos (Calou *apud* Souza, 2015).

Em terras tupiniquins, nos anos 70 surge a Teologia Feminista, que juntamente às pautas dos movimentos sociais em grande expressão, naquele momento e a Teologia da Libertação, assim como aponta Sandra Duarte de Souza (2004):

> Os estudos sobre religião no país começam a superar os limites da mera história eclesiástica somente a partir da década de 70, quando uma certa organicidade, entre estudiosos da religião e instituições religiosas começam a ceder lugar a uma nova maneira de compreender o fenômeno (p. 122).

É importante frisarmos que mesmo não tendo visibilidade, no que diz respeito aos interesses dos estudos feministas que centrava na atuação da mulher no meio político e por ser pautar um reflexo da secularização da religião, portanto não sendo a religião uma instituição provedora e central na vida humana, os estudos de gênero e feminismo no nosso país acabam esfriando nesse momento.

Uma personagem fundamental para os estudos feministas foi a teóloga Ivone Gebara, que produziu um arcabouço histórico e analítico acerca das mulheres e sua inserção nas instituições religiosas. O escopo para seus estudos centram-se em princípios acerca do corpo feminino. Para Gebara, não se faz teologia feminista se não partirmos do corpo, desde que se garanta uma gama discursiva que molda os comportamentos, as ações e as constituições sociais das mulheres em sociedade. A partir do determinismo biológico, da anatomia corporal que demarca as construções sociais da divisão sexual do trabalho e a dominação masculina. Ainda trazendo Sandra Duarte de Souza (2008):

> Os estudos de gênero ainda buscam legitimidade no contexto das Ciências Sociais em geral, porém, é no campo específico dos estudos de religião que a marginalidade de gênero enquanto categoria analítica faz visível, denunciando uma "presença acessória" dessa categoria nesse universo. A incorporação dos estudos de gênero como categoria analítica nos estudos de religião é ainda recente no Brasil. A resistência nesse campo de estudos é a mesma que se encontra em outras áreas de pesquisas, uma vez que os paradigmas científicos baseados em uma noção generificada do saber influenciam a escolha das fontes, dos interlocutores, do quadro teórico e do próprio objeto a ser pesquisado (p. 21-22).

Segundo Sandra, o grande desafio consiste em se problematizar a área e o que por ela foi consolidado. Tendo em vista que, no Brasil, o que se foi produzido pela Sociologia da Religião, em especial nos anos 50 e 70, não são perspectivas da sociologia da religião, mas sim produções feitas majoritariamente por homens e voltadas para a promoção de instituições religiosas. Percebemos que são homens, líderes religiosos que produzem conhecimento sobre sociologia da religião, para assim sentirem-se representados.

No Brasil, referente aos estudos de gênero e teorias feministas, dois importantes periódicos nascem no seio acadêmico: o caderno Pagu, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e a Revista Estudos Feministas, que foi originalmente da Universidade Federal do Rio de Janeiro e passou a ser publicado na Universidade Federal de Santa Catarina, em 1999 (Souza, 2004).

Segundo Sandra, as publicações acerca desta temática religião aparenta não serem significativas e por vezes incidem secundárias, aparecendo em questões como: religião afro-brasileira, moral sexual e religiosa, discussões acerca do aborto dentre outras questões. Seria então o berço das discussões de gênero e religião nasceria na construção do Periódico Mandrágora, considerado o primeiro periódico a discutir gênero e religião dentro da área de Ciências das Religiões? Discorreremos no próximo capítulo, em que faremos uma análise acerca da entrevista com Sandra Duarte de Souza, que ocorreu virtualmente no dia 29 de março de 2023.

4 A MULHER É LOBA, TRISTE E LOUCA DA PRÓPRIA MULHER: O PERIÓDICO MANDRÁGORA SENDO PORTA VOZ DO SILENCIAMENTO DAS MULHERES

Essa entrevista foi promovida pela professora adjunta do Departamento de Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba, Dra. Fernandas Lemos, no dia 05 de março de 2023 e foi realizada via plataforma *Meet*, no dia 29 de março de 2023. O objetivo principal dessa entrevista seria colher informações acerca da revista para a produção de um estado da arte de pesquisas dentro da Revista Mandrágora, que envolvam o temático aborto e direitos reprodutivos, mas com o passar do tempo e problemas pessoais a pesquisa acabou centrando-se nesta entrevista, até para tornar esse projeto exequível no presente momento.

Vale ressaltar que em outro momento a professora Sandra Duarte de Souza, na edição nº 9 da Mandrágora irá discorrer sobre o início dessa revista que teve iniciativa das próprias pesquisadoras, que naquele momento eram estudantes de Teologia, dentro do Programa de Pós- graduação em Ciência das Religiões no antigo instituto Metodista de Ensino Superior (IMS), atualmente, conhecido como Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Além disso, mulheres, ativistas, pesquisadoras vinculadas ao Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina (Netmal), ansiavam por instruir uma revista que contribuísse dentro da academia sobre estudos de gênero e religião, produzindo assim textos para academia, como também para os movimentos sociais e para a sociedade civil (Souza, 2003).

Essa revista é um produto que demostra das várias noções e traços de suas idealizadoras, pois além da produção acadêmica de conteúdos envolvendo questões de gênero e religião, ela também traz consigo a resistência dessas mulheres em um espaço dominado pela masculinidade, em um instituto de natureza privada e confessional, o que torna essa revista bem mais emblemática e marcante, por abordar gênero e religião inicialmente por mulheres, em um universo dominado pela masculinidade como a área das Ciências das Religiões e o que ela representa dentro da sociedade brasileira.

1 - O que é a revista Mandrágora, seu símbolo e como surge no cenário acadêmico?

SD: A área de Ciências das Religiões é difícil, não é fácil. Faz parte de um projeto de vida que idealizamos para fazer um mundo melhor, fazendo um recorte para o gênero, isso fica ainda mais complexo. É muito gratificante saber que existem pesquisadores e pesquisadoras jovens iniciando seu trajeto dentro das Ciências das Religiões, o que não é fácil, pois Ciências das Religiões é uma área predominantemente masculina e muito elitista. A Mandrágora surge a partir das contribuições e estudos desenvolvidos pelo Grupo de estudo e pesquisa teológicos da mulher na América Latina (Netmal). Então, ele começa em 1989, a partir da iniciativa de estudantes de Ciência da Religião, é um grupo de pesquisa que não nasce por iniciativa dos/as docentes, mas sim nascem pela iniciativa dos/as discentes. Foi em um primeiro momento composto por mulheres, que faziam Ciência da Religião, onde nosso programa é considerado um dos mais antigos do Brasil, então, foi o primeiro a montar um núcleo de pesquisa de Gênero e Religião. A partir de seminários que foram realizados pelo grupo Netmal, eu não fazia parte do grupo neste primeiro momento acabei entrando logo após na Mandrágora em 1992, retomando a história do grupo ele é um grupo ativo que realizavam seminários sobre a teologia feminista, discutia direitos reprodutivos, todas as temáticas com enfoque em Gênero e Religião. Destaco alguns nomes de pesquisadoras importantes para a formação da Mandrágora, naquele momento eram estudantes, são: Tânia Mara Sampaio, Nancy Cardoso, Heide Marshall, Luisa Tomita e muitas outras que vieram da teologia que em um primeiro momento concentrava suas pesquisas na teologia, mas a partir da década de 90 chega Zeca Veloso, que é socióloga da religião ela traz para o grupo um enfoque da sociologia da religião. Dos anos 90 até o presente momento, a Mandrágora está em um processo de consolidação, dentro de um perfil mais interdisciplinar que dialoga com a teologia, mas também com outras áreas das ciências sociais. Quando a Mandrágora surge como produto dos seminários que o Netmal realizava, então, o Netmal realizava seminários abertos para a comunidade, a pessoas de pastorais, aos movimentos sociais (principalmente o movimento de mulheres), e organizações da sociedade civil. Portanto, a Mandrágora ela surge uma tentativa de sintetizar as reflexões constituídas dentro dos

seminários, por isso a Mandrágora sobre os direitos reprodutivos, ela surge enquanto produto dos seminários realizados pelo Netmal. Também com a proposta naquele primeiro momento de trazer uma linguagem mais acessível para a comunidade intramuros da universidade, ela nasce com seminários voltados para o público acadêmico, mas não se restringia somente a esse público, engloba também o público externo e debatem diversas temáticas. Em relação à simbologia da mandrágora em relação ao grupo de estudo e a revista? Sim, existe essa relação até por que a mandrágora é uma planta com raízes no formato meio humano. Além dessa característica, a mandrágora é uma planta medicinal e essa ideia do poder curativo e a reflexão de gênero numa sociedade de dominação masculina, sociedade patriarcal foi o que fez com que pensássemos na Mandrágora como nome da revista, pois mandrágora além de ter esse efeito curativo ela também tem o efeito purgante, no sentido de eliminar as toxinas da cultura patriarcal está presente em nossa sociedade. Trazer algo que remetesse a algo além da praxe da academia, e como inicialmente uma parte considerável das estudantes eram biblistas, trouxeram esse significado da mandrágora enquanto instrumento de fertilidade, de erotismo e sexualidade bojo para nomear a revista.

2 - Conte um pouco de sua história acadêmica e da Mandrágora? E quando as duas se cruzam?

SD: Enquanto estudante de Teologia tive a oportunidade de conhecer algumas teólogas feministas, algumas estudiosas do feminismo que necessariamente não eram teólogas. Em especial, menciono Bárbara Offer, foi uma professora de teologia que me despertou em suas reflexões e discussões acerca dos estudos dentro da área teologia naquele momento estudos na teologia feminista que atualmente é muito expressivo, mas nos anos 90 era difícil encontrar estudiosos dentro da teologia que se debruçam sobre a teologia feminista. Foi a partir das discussões com Bárbara que me despertaram para me debruçar sobre esse enfoque dentro da teologia, além de inserir dentro dos debates organizados pela Netmal, a partir de encontros e reuniões. Cujo esse grupo foi fundado na pós-graduação e naquele momento o programa só tinha mestrado e estava passando pelo processo de consolidação do doutorado e foi aos poucos foi inserindo nas discussões a partir dos encontros até permanecer de vez no grupo. Recorte temporal que faço, é do meu intercâmbio nos Estados Unidos e ao retornar inicio minha trajetória dentro do Netmal em 1992. Atualmente, considero a jurássica do grupo, pois muitas pessoas entraram e muitas pessoas saíram também, pois tiveram que sair por encontrar seus espaços dentro da universidade, a exemplo de Fernanda que é docente adjunta no Departamento de Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba. Existem pessoas dentro do grupo que se formaram e continuam na Metodista, a exemplo de

uma ex- doutorando minha que se formou em teologia na Metodista e hoje mora na França e é uma das editoras da Revista Mandrágora e tem outra que mora em Rondônia e continua ativa na Mandrágora e então algumas não conseguem manter o vínculo por quaisquer motivos enquanto outras acabam conseguindo. Eu conheci o Netmal por esse caminho e a Mandrágora, já estava no Netmal quando a revista nasceu, então, eu fui uma das que participou do processo de fundação da revista, não fui a principal organizadora disso, mas já estava desde o início da fundação. Então, esse número sobre Direitos Reprodutivos e Aborto, foi muito discutido, pelo tema pelo impacto. Nós precisávamos de financiamento, não tínhamos investimento inicial, nem o investimento de uma revista eletrônica. Era tudo impresso e com alto custo e a revista tem uma qualidade gráfica muito boa desde o início, mas tivemos financiamento de várias agências de financiamento que nos ajudaram na consolidação da revista.

3 - O que motivou a construção da revista e o grupo de pesquisa Mandrágora? O que veio primeiro?

SD: Já falei no outro ponto.

4 - Quais são os pontos altos e baixos da história da Mandrágora?

SD: Não sei te dizer pontos altos e baixos. Mas, a Mandrágora foi amadurecendo, talvez, pudesse destacar é uma revista que saiu das demandas das mulheres em ambientes religiosos. Ela não nasce a partir das discussões suscitadas por quatro paredes de uma biblioteca, pelo contrário ela nasce a partir vida vivida, para mim esse é o grande diferencial da revista. Ela nasce a partir da sensibilidade da vida vivida pelas próprias autoras e editoras da revista. Então, a Mandrágora traz aquilo que é essencial para os estudos feministas, que é produzir conhecimento a partir da vida, então eu diria ainda mais que o núcleo de existência da revista. Não sei te dizer dos pontos baixos da revista, tivemos e temos até hoje o desafio de darmos com uma academia patriarcal, então, isso nos faz reforçar a luta pela existência dessa revista, é uma revista muito longeva que fará 30 anos em 2024. É desafiante termos uma revista tão longeva dentro das Ciências das Religiões e desenvolvendo pesquisas e estudos na área de Gênero e Religião, esse é o foco da revista. Acerca da repercussão do artigo de Fernanda da análise dos discursos do bispo, não necessariamente gerou um reboliço, pois quando publicamos a Mandrágora de nº 5 foi sobre Homossexualidade e Religião, quando ninguém escrevia sobre isso em 1999 também houve essa coisa de questionar o tema, mas uma coisa que aprendemos na academia e muito especialmente no universo da universidade confessional é que a gente precisa manter o momento. Portanto, houve o questionamento sobre a homossexualidade e mesmo assim publicamos, mas não

houve a censura da revista. Mesmo assim, conseguimos produzir conhecimento dentro da área de Gênero e Religião. Foi consenso das pesquisadoras, tanto de minha parte quanto de Fernanda de publicarmos esse artigo da análise dos discursos do bispo e também estávamos em uma fase em que havia maior receptividade na academia de temas mais polêmicos, contrário de hoje que não encontramos tanta receptividade assim, até por conta da ideologia preconizada pelo Governo de Bolsonaro que legitimou os preconceitos, o racismo estrutural em nosso país. Naquele momento, mesmo com a receptividade, tomávamos cautela e continuamos a produção de estudos na área de Gênero e Religião, então o artigo da Fernanda poderia ter sido objeto de rejeição, mas foi publicado, assim, como foi à revista nº 5 da Mandrágora. Existe outro número de revista que na capa colorida em alusão ao nome que foi Caleidoscópio de Gênero e Religião questionaram pelo fato de a capa ser colorida e aludir às cores da bandeira LGBTQIA+, mas então como resposta disse que era em alusão ao caleidoscópio, mas também é óbvia que uma revista de gênero irá discutir também a sexualidade, então a discussão LGBT irá aparecer. Em outro momento quando publicamos sobre Divindades Femininas trazia imagens de afrescos e imagens de corpos nus, pois era a proposta da revista, mas mesmo assim a editora da universidade questionou a necessidade da exposição daquelas imagens e reafirmamos que sim. Em todos os momentos precisamos reafirmar a importância da nossa área de estudos para as Ciências das Religiões, sobretudo, para a teologia, seja no processo de publicação, seja no processo de recepção da revista, que é classificada A2. Decidirmos manter a revista com as publicações voltadas também para o público discente, ela não é uma revista exclusivamente de publicação de estudos de docentes. Portanto, em uma revista A1 ela não aceita publicação discente ou até aceita, mas com assinatura de uma docente. Mas dentro da Mandrágora não partimos desse critério, é uma coisa muito positiva e faz parte da nossa essência. Queremos que nossos estudos e pesquisas pulverizem para toda a sociedade, agora para entrarmos no padrão da Capes, tivemos que nos adequar às normas e aceitamos pesquisas de todos os modelos desse que discute Gênero e Religião e estejam adequadas às normas de um texto acadêmico. Apesar de nossa revista ser acadêmica, ainda temos as discussões abertas ao público externo da academia, a exemplo de maio onde iremos realizar a discussão em torno de um documentário acerca de uma missionária negra e esse documentário ainda não foi lançado ao público, portanto sua primeira exibição será na Universidade de Metodista contando com o apoio da revista Mandrágora junto com o movimento evangélico de mulheres negras, com o movimento negro e os Direitos Humanos. Essas ações demonstram que sempre queremos manter em nossa revista acessa a revista que fala da vida vivida, mesmo quando trabalhada com alguns critérios acadêmicos, mas nunca submissa a esses critérios. Diante do que foi exposto, para simplificar, a revista surge de demandas trazidas pelas próprias mulheres

teólogas e um ponto crucial e fazer teoria com a coisa vivida por essas mulheres dentro do campo da teologia feminista. Não temos pontos baixos, apenas temos o desafio de lidar com uma academia patriarcal e machista que nos faz lutar desde sua fundação pela sua manutenção.

5 - Qual o legado mais significativo que você e a Mandrágora trouxeram para o meio acadêmico?

SD: A Mandrágora trouxe para o meio acadêmico a necessidade de se pensar gênero e religião e religião e ainda pensar a interseccionalidade que está presente, pois a Mandrágora vai crescendo inicialmente estávamos interessadas em estudar às mulheres e com o tempo ela vai amadurecendo e vai expandindo o raio de estudos para: direitos das mulheres, LGBTQIA+ e a questão étnica racial. A revista vai no desenvolver da sua história trazendo a importância da interseccionalidade, mesmo antes desse termo ter sido cunhado pela Kimberly Digolin , já é algo a autora têm sensibilidade até por conta de mulheres como Saffioti, fazerem essa discussão no Brasil, além de ser uma das nossas interlocutoras, no processo de consolidação do Netmal e da Mandrágora. Mas, também não deixamos de esquecer a contribuição que Zeca trouxe aos intelectuais que enriqueceram as discussões dentro do grupo e também nos favoreceu acesso às teóricas feministas às quais não tínhamos acesso; como também as pesquisadoras que estiveram no início de tudo. Nosso legado no meio acadêmico é trazer a pauta de gênero e nunca mais deixar essa peteca cair, que é o que tem acontecido.

6 - O que representa a criação de uma revista de estudos de gênero num ambiente das ciências das religiões - cuja maioria dos acadêmicos são/eram homens? Bem como suas pesquisas que não contemplam a condição das mulheres.

SD: A maioria ainda é composta por homens, se fomos categorizar por subáreas do conhecimento, exemplo, nossa área é Ciências da Religião e Teologia, estou me referindo na Pós-graduação são composta majoritariamente por homens, inclusive, existe esse levantamento dentro da área 44 pela Capes se tinha 99 homens para 30 docentes mulheres e na teologia 105 homens para 26 mulheres. É indiscutível, é uma área masculina, vocês da Paraíba ainda têm um número considerável de mulheres, pois foi um programa fundado por uma mulher, a professora Neide Miele, é um programa que preza pela contratação de mulheres do que em outros programas. Um exemplo, eu sou contratada pelo departamento de Ciências da Religião pela Metodista a 22 anos. Desse tempo, eu fui a única docente mulher permanente no programa, agora temos mais 3 mulheres, totalizando somos 4 docentes efetivas dentro do programa, mas por muito tempo, eu fui à única docente

permanente, o que demonstra que a área é muito masculina ainda e então, uma revista como a Mandrágora é um grupo de estudos como inicialmente o Netmal e atualmente Grupo de Estudos de Gênero e Religião, traz para a academia o questionamento e faz com que a academia olhe para si mesmo e perceba se incomode-se com essa questão, serem machistas e misóginos. O resultado disso é que hoje temos outros grupos de pesquisa de gênero e religião na nossa área, temos também a partir de 2015 uma nova revista de gênero e religião, que é Coisas do Gênero, e isso mostra que nossa área tem sido desfiada e tem sido pressionado para todos os programas de pós-graduação de Ciências da Religião e Teologia o desafio de reduzirem a simetria de gênero nos seus PPGS em relação ao corpo docente, então, acho que tem muita coisa que mostra a importância do nosso ingresso no meio acadêmico.

7 - Qual o impacto da primeira revista, publicada em 1994, cuja temática intitulava-se "Direitos Reprodutivos e Aborto"?

SD: Nesse período, estavam acontecendo as conferências da ONU sobre desenvolvimento populacional e sobre as mulheres também, então, algumas pessoas do nosso grupo também participaram desses encontros no Cairo e Pequim, onde se discutiram o desenvolvimento populacional está discutindo as condições das mulheres, então, a delegação brasileira que foi para essas conferências levou a pauta dos direitos das mulheres, dos direitos reprodutivos e sexuais e durante as conferências ocorreram encontros paralelos para discutirem acerca dessa temática, inclusive, houve integrantes do nosso grupo que discutindo e trazendo essa pauta. Zeca e Luísa Tomita, dentre outras que levaram a pauta de direitos reprodutivos e sexuais, essa participação foi fundamental, pois, levaram a pauta da religião e nesse momento houve a articulação com Santa Sé para tentarem barrar demandas que estavam sendo levantadas por grupos extremamente conservadores. Então, houve impacto, sim, de múltiplas formas, essas discussões são produtos de debates anteriores, como: seminários de grupos de teólogas feministas no Brasil e fora do nosso país no tocante aos direitos reprodutivos das mulheres. Ela sintetiza essa pauta e provoca a academia para entrar nesse debate, dá um novo rumo para as Ciências da Religião, trazendo uma pauta que nunca saiu, ela vai e volta, pois existem muitas pessoas interessadas nessa temática. A partir dessas discussões, geraram-se vários frutos, como: teses de dissertação, de doutorado, artigos, dentre outras produções. E para o movimento das mulheres gerou muito impactou a academia, que continua mantendo seu diálogo com o movimento das mulheres redesenhando o que é o conhecimento acadêmico, que também por um lado acabamos causando influência dentro dos movimentos das mulheres que tinham o objetivo de sistematizar ações, pensar sobre suas vivências e a Mandrágora ajudou nesse processo.

8 - Fale sobre o pioneirismo da Mandrágora sobre a questão dos direitos reprodutivos e o aborto num espaço tradicional o da religião.

SD: É uma revista que desafia o universo machista, um universo elitista também foi aprendendo dentro da jornada. Existe uma autora feminista, que cunhou a instabilidade das categorias analíticas como algo fundamental na produção de conhecimento – os estudos feministas da religião, pois trabalhamos em um campo instável. Para o rigor acadêmico, isso é mal visto, pois deveríamos trabalhar com paradigmas estáveis definitivos, mas isso pensando a necessidade do conhecimento construído pela vida vivida, isso não funciona, pois a vida vivida é dinâmica, portanto, o conhecimento deve-se caminhar para o dinamismo e a Mandrágora demonstra isso na sua trajetória, pois ela vai traduzindo a dinâmica da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que dentro das Ciências Sociais tornam a religião um objeto caro para a apreensão das relações sociais e culturais. Tendo em muitos casos, a formação de campos científicos com abordagens múltiplas acerca do fenômeno religioso, a exemplo da sociologia das religiões. Assim como qualquer ciência, as ciências das religiões passam por momentos de aperfeiçoamento metodológico e teórico, que determina seus campos e análises. Neste cenário, dominou o positivismo, imperou nos procedimentos metodológicos acerca do objeto de estudos, a religião. Observando a religião enquanto mero objeto de estudo e/ou um fato social que precisa ser desvendado, exige do pesquisador uma postura neutra, distante e imparcial acerca do objeto estudado. Tais perspectivas influenciaram tanto a antropologia das religiões quanto a sociologia das religiões, que se caracterizam enquanto concepções impregnadas até os dias atuais. Sobre estas bases, não reconhecia o pensamento feminista, pois se enfatiza a subjetividade, nos que diz respeito a um tom político e interessado pelas causas sociais.

A corrente feminista está pautada em uma abordagem marxista de se pensar ciência, causando divergências com o pensamento positivista, enfatizando assim a subjetividade impressa nas pesquisas, onde sujeitos carregados de valores sociais que produzem o contexto cultural. São elas as grandes críticas do positivismo, principalmente no contexto religioso. Assim, geraria uma demanda específica, dentro da religião existe um fator cultural de massificação da ideia de submissão e de obediência dos corpos femininos dentro das formações patriarcais, sobretudo, o cristão.

Dentro desse impasse que deu brecha para a inserção dos estudos de gênero e de religião, como resistência às ciências tradicionais e patriarcais, que dentro das instituições

superiores confessionais concentram-se os estudos de gênero e religião, a princípio com pouca repercussão. No Brasil, os estudos de gênero e religião surgem no momento da ditadura militar, em que as teólogas feministas ganham apoio dos movimentos sociais e da teologia da libertação e suas produções eram questionáveis e muitas vezes secundárias. Pensando muito além, essas teólogas questionaram o sistema religioso e político do seu momento. Portanto, para as pesquisas das Ciências das Religiões, a teologia da religião tem significativamente contribuído.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, Teresita de. Sobre la categoria e género - una intrucción teórico - metodológica. *In*: AZEREDO, Sandra, STOLCKE, Verena (Coords.) **Direitos Reprodutivos**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1991. p. 25-45.

BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 18ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CALOU, Antonio Leonardo Figueiredo. **A inserção dos estudos de gênero nas Ciências das Religiões no Brasil**: um olhar a partir das Ciências Sociais. Revista Último Andar (ISSN 1980-8305), n. 30, 2017.

CISNE, M. (2014). **Relações Sociais de Sexo, "Raça"/Etnia e Classe**: uma análise feminista-materialista.Temporalis, 14(28),133–149.https://doi.org/10.22422/2238-1856.2014v14n28p133-149. Acesso em: 15 jun. 2023.

MEAD, Margareth. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. 2ªed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na Sociedade de classes**. 3ªed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SOUZA, Sandra Duarte. **A relação entre religião e gênero como um desafio para a sociologia da religião**. Revista Caminhos, Goiânia, v. 6, n. 1, jan-jun, 2008.

STERZA, Lorenzo. **Simbolismo Animal nas Igrejas Românicas Italianas: alegorias nas "Basilica Di San Zeno"**. Johnni Langer. 2019. 75 fls. Graduação - Ciências das Religiões, Departamento de Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16651. Acesso em: 09 maio 2023.